

Parte II - Estudos Empíricos  
**8. TV & Comunidades: um dispositivo em construção**

Rosana Cabral Zucolo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ZUCOLO, R.C. TV & Comunidades: um dispositivo em construção. In: BRAGA, J.L., RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and PARES, A.D. *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 189-223. Paradigmas da Comunicação collection. ISBN: 978-85-7879-572-6.  
<https://doi.org/10.7476/9788578795726.0009>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](#).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](#).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](#).

## 8. TV & Comunidades: um dispositivo em construção

*Rosana Cabral Zucolo*

### 1. Introdução

Este capítulo aborda a experiência de interação entre um canal de televisão – o Canal Futura (CF) – e entidades de ação comunitária – a Oficina de Vídeo do Oeste; e o Grupo Ecológico Guardiões da Vida<sup>77</sup>. Estudamos a constituição de um dispositivo interacional num cenário em que as estratégias e operações desenvolvidas de parte a parte na implementação de atividades em conjunto reconfiguram, de modo tentativo, tanto as práticas comunitárias como as midiáticas, gerando mudanças nas condições de produção de comunicação e na própria ação comunicativa.

Buscamos delinear as lógicas em interação com base no percurso das operações desencadeadas tanto na e pela instância midiática, quanto na e pela instância comunitária. Planejamento, circulação, recepção, formação, produção, monitoramento integram tais processos na instância comunitária e na instância midiática, bem como as percepções de parte a parte e os resultados obtidos. O objetivo é o de observar, na prática dos diferentes agentes:

---

<sup>77</sup> A pesquisa em que se baseia o presente capítulo foi desenvolvida em minha pesquisa de tese de doutoramento, na Unisinos (Zucolo, 2014).

- a. como funcionam e se afetam mutuamente as diferentes lógicas – midiáticas e comunitárias;
- b. o que geraram enquanto ações comunicativas e de inovação social.

Desenvolvemos a reflexão a partir da observação das interações e dos processos reguladores de situações de comunicação que ocorrem entre os diferentes agentes, uma vez que o objeto passa a incluir tanto a mídia quanto os receptores e suas mediações em formações múltiplas – enfocando as relações que tais processos organizam na sua singularidade.

Procuramos evitar a visão unilateral e restritiva da mídia enquanto instauradora e controladora dos processos comunicacionais. A perspectiva interacional, conforme aqui é entendida, evidencia uma continuidade entre os processos comunicacionais desencadeados pela mídia e aqueles distantes do midiaticado e que estão inscritos no fluxo comunicacional em outros âmbitos da sociedade (Braga, 2012b). É a este conjunto inter-relacionado que caracterizamos como processo de midiaticação da sociedade. Estamos diante de um sistema de relações operando entre os distintos componentes do processo. Estes se articulam com base em padrões já existentes, mas vão além desses padrões para que a interação ocorra. As práticas sociais se organizam em dispositivos variados que de algum modo modelam o comunicacional que aí ocorre. E os dispositivos interacionais, tal como propõe Braga (capítulo 1) são produzidos pelos próprios episódios interacionais que acionam as suas matrizes para interagir, e ao mesmo tempo, são modulados pelos contextos e processos institucionais específicos em cujo ambiente se desenvolvem.

A pesquisa que deu origem a este capítulo se situa num contexto que corresponde a dinâmicas muito amplas, a partir da inscrição de seu objeto na perspectiva dos estudos da midiaticação. Para fazer inferências sobre essas dinâmicas observamos, no

contexto caracterizado pelo perfil dos dois conjuntos de agentes, os processos que demarcaram a constituição de vínculos e as apropriações no espaço de negociação entre a produção, a oferta, a recepção e a circulação de um dos principais projetos em que a interação dos parceiros vem se realizando: o Projeto Maleta Futura.

Estudamos as lógicas interacionais que marcam a implementação do projeto Maleta Futura, como ação de mobilização comunitária junto à Oficina de Vídeo Oeste (TV OVO) e ao Grupo Ecológico Guardiões da Vida (GEGV), duas ONGs gaúchas de forte atuação no social, sediadas nas cidades de Santa Maria e Passo Fundo, respectivamente.

Explicitaremos a gênese do Projeto Maleta, suas características, e os modos de operação do canal em vista da sua implementação. Observaremos ainda os processos que envolvem a implementação das maletas temáticas produzidas pelo Canal Futura e seu uso e análise no âmbito dos grupos comunitários, pontuando suas operacionalidades, ações e dinâmicas desencadeadas pelos participantes. Concentraremos a observação nas dinâmicas do grupo comunitário TV OVO com as maletas *Toda Beleza e Democracia*; e do grupo comunitário GEGV com a maleta *Meio Ambiente*.

## **2. A instância midiática e a instância comunitária na base do dispositivo interacional**

### **O Canal Futura**

O Canal Futura integra as Organizações Globo como projeto da Fundação Roberto Marinho (FRM). Ele se enuncia enquanto “um canal privado de interesse público, dedicado à educação”, com “o compromisso social de ampliar as possibilidades de mobilização e participação das camadas D e E, para as quais dirige preferencialmente a sua programação” (Canal Futura, 2010). Desenvolve-se a

partir de um modelo peculiar de sustentabilidade – apoiado em parcerias com a iniciativa privada, situadas em relação a ele enquanto mantenedoras da programação e das ações sociais de mobilização. O canal é apresentado como “resultado da parceria entre organizações da iniciativa privada, líderes nos seus segmentos [...] conscientes da importância de participar ativamente na transformação da realidade social e [...], consolidar a imagem de uma empresa cidadã” (CF).

O Canal Futura afirma os objetivos de romper com o modelo televisivo generalista, consolidado historicamente com base em uma lógica de organização apoiada na transmissão em fluxo da programação; e de alterar as mediações televisivas, mais habitualmente pensadas como ponto de articulação entre um sistema centralizado de produção e um sistema de recepção difusa.

Com tais perspectivas, o CF opera em espaços tradicionalmente não televisivos através de uma instância mediadora, a Articulação e Mobilização Comunitária, e atua junto aos grupos de ação comunitária e de movimentos sociais, de onde emanam sugestões/produções de conteúdos para o canal, alterando também a relação entre produtor/usuário.

Ao instituir essa instância mediadora – o setor de Articulação e Mobilização Comunitária – para, através dela, operar diretamente no espaço social, apropria-se de uma dinâmica de outro campo que não o televisivo, interagindo com ele de forma bastante experimental e buscando estabelecer outros circuitos e modos de circulação de seus produtos seriais, como veremos adiante.

### **Os grupos comunitários**

Os grupos comunitários são caracterizados pelas ações coletivas de interesse comum que marcam os cenários da vida cotidiana através de vínculos e laços de natureza diversificada. Existindo em um espaço de relações sociais mais próximas e coloquiais, os

processos comunitários são permeados, habitualmente, por conhecimentos do senso comum, organizados em procedimentos que se caracterizam por esquemas de operações e manipulações técnicas capazes de assegurar o seu funcionamento (Certeau, 2012).

Tais conhecimentos de senso comum são organizadores e, em dadas ocasiões, assumem um caráter social, consensual e mobilizador. São também caracterizados pelo imediatismo espacial e temporal, trazendo as marcas da oralidade e da conversação que se constitui em espaço essencial da comunidade (Certeau, 2011). Naturalmente, para observarmos grupos comunitários contemporâneos, é preciso levar em consideração as profundas mudanças que o modo de viver em sociedade e em agrupamentos humanos tem enfrentado (Bauman, 2003).

O Grupo Ecológico Guardiões da Vida (GEGV) é uma ONG, fundada em 1999, na cidade de Passo Fundo<sup>78</sup>, RS, que através do trabalho de voluntários e estagiários, se volta à problemática ambiental no município e na região. Tem forte atuação local, regional e nacional, através da participação em fóruns e mobilizações em instâncias decisórias das temáticas ambientais como a Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável (CPDS) e a Agenda 21 Nacional. Desde 2005 tem uma parceria estabelecida com o Canal Futura, ano em que a ONG, a Embrapa, a Coordenadoria Estadual de Educação e o CF promoveram uma ação em um projeto de implantação de hortas comunitárias em setes escolas públicas na região da cidade de Passo Fundo, denominado 'Semeando o Caminho para o Futuro'<sup>79</sup>. O Canal Futura fazia a cobertura jornalística, registrando a atividade de cada escola e a ação da comunidade.

---

78 A sede do grupo fica na Rua Teixeira Soares, nº625, no centro da cidade de Passo Fundo, no RS.

79 Apontado também pelos mobilizadores do Canal Futura como um dos projetos de melhores resultados, ele foi suspenso no ano seguinte em decorrência das mudanças na Coordenadoria Regional de Educação, alterada pós-eleições.

Já a Oficina de Vídeo Oeste ou TV OVO, como é conhecida popularmente, é uma associação sem fins lucrativos, caracterizada como um meio de comunicação alternativo que trabalha simultaneamente com foco na formação profissional de jovens em situação de exclusão social, e se volta à produção audiovisual com vistas à “*democratização do direito social à cultura*”<sup>80</sup>. Ao longo de 16 anos ela se constituiu em espaço de atuação social de base empírica, voltado para a formação de jovens de baixa renda através de projetos de capacitação para a produção audiovisual.

Sua origem e organicidade evidenciam um forte vínculo comunitário que se explicita através de ações de comunicação comunitária dirigida às questões de cunho coletivo e de enfrentamento de adversidades decorrentes da exclusão social. Essas ações são referenciadas por meio das estratégias de produção audiovisual ao incorporar jovens da periferia, tornando-os os próprios realizadores e estimulando-os a mostrarem a realidade das comunidades onde vivem. A Oficina é ainda reconhecida por sua associação a grupos de cooperativismo local e a projetos de caráter cultural e de memória coletiva na área do audiovisual.

Com tais características, a TV OVO tem sido parceira do Canal Futura também na produção de conteúdos.

---

80 Site da TV OVO

## O setor de Articulação e Mobilização Comunitária do Canal Futura

O setor é considerado o “braço presencial” do canal em dezesseis (16) estados brasileiros, operando com estratégias e abordagens singulares na constituição de parcerias com organizações que desenvolvem projetos próprios ou em conjunto. Desse modo, se constitui num componente diferencial e pouco habitual em uma estrutura de grande mídia. Ele corresponde à necessidade do canal de dispor, internamente, de grupos com competências interacionais para se relacionar com comunidades de caráter popular. Trata-se da disponibilização de mediadores capazes de assegurar o contato entre a instância midiática e a comunitária, e através dos quais a confiança no canal pode ser gerada, mantida ou reforçada. Tais mediadores são organizados em equipes de mobilizadores denominados de “educadores sociais”, cujo papel é estratégico e vital ao modelo de gestão, uma vez que eles são os responsáveis pela articulação com os movimentos e grupos comunitários da sociedade civil. Isso exige que os mobilizadores tenham um perfil específico, capaz de mediações entre o CF e o ambiente dos grupos sociais. Tal perfil tem características apontadas pelos próprios agentes, tais como, *“ter sensibilidade para questões sociais e ser disciplinado para trabalhar sozinho (...) ser comunicativo e articulador (...) ter uma boa leitura do território em que atua para realizar as escolhas mais estratégicas”*<sup>81</sup>.

Por conta de tal exigência, na sua grande maioria, os mobilizadores são indicados e escolhidos entre profissionais que possuem, em sua trajetória de vida, vínculos ou vivências junto a grupos que desenvolvem ações sociais diversas. Apoiados pela equipe que assessora a gerência internamente, os mobilizadores são selecionados e contratados para atuarem especificamente em campo.

---

81 Respostas coletadas por questionário online junto aos mobilizadores do CF.



São quatro equipes regionais – sul, sudeste, nordeste e norte -, que operam como grupos de trabalho e, atualmente, somam apenas dez (10) pessoas em todo o território nacional.

A equipe que atende a região sul é composta de duas pessoas, uma sediada em Porto Alegre e outra em Curitiba, sendo que ambas cobrem também o estado de Santa Catarina. A região nordeste é atendida por três mobilizadores sediados em Salvador (BA), João Pessoa (PB) e Recife (PE) e atendem, também, os estados do Maranhão, Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Norte. Já na região Norte, dois mobilizadores estão sediados em Belém (PA) e Manaus (AM), com algumas ações no estado do Tocantins. Outros três respondem pela região sudeste com base nas capitais São Paulo e Rio de Janeiro, e cobrem Minas Gerais com ações nos estados do Espírito Santo e no Mato Grosso do Sul. Na sede central, quatro coordenadoras respondem por projetos específicos, auxiliadas por cinco assistentes e dois estagiários, além da gerência geral do setor.

Outra característica marcante desse setor é o fato de o canal operar sem sede física nas bases regionais, e sim através das equipes de mobilização que atuam na identificação, articulação e mobilização dos grupos comunitários das respectivas regiões. O contato (rotinas) entre a sede central e os mobilizadores ocorre por meio de recursos tecnológicos (telefones, e-mail, skype) e, ainda, em reuniões presenciais agendadas com antecedência entre a sede e os mobilizadores. Estas, em geral, são reuniões de avaliação e planejamento de que participam diferentes setores do CF. Tais características se dão em torno da efetivação do trabalho de campo e mobilizador das equipes.

Já no tocante ao contato das equipes com os grupos comunitários, os mobilizadores evidenciam que “*nos processos vale tudo para*

*contatar: fone, skype, email, facebook ... sinal de fumaça. Usamos aquilo que a pessoa / instituição possui, acha mais fácil.”*<sup>82</sup>

Os deslocamentos dos mobilizadores às regiões dos grupos comunitários se dão mediante agendamento, conforme o projeto em questão. Por ocasião das implementações e formação, não raro, eles permanecem em períodos alternados de uma semana no local sede dos grupos envolvidos. O fato de as equipes serem exíguas faz com que frequentemente se desloquem de um território a outro.

Na atuação com os grupos comunitários, o foco se dá na elaboração e apoio de projetos sociais para a formação com ênfase na questão do audiovisual, desenvolvimento sustentável, direitos humanos, qualidade de vida, saúde e segurança alimentar e nutricional. E também aos projetos voltados para o atendimento da juventude, com o desenvolvimento de ações voltadas para a valorização da identidade juvenil, atuando fortemente na conscientização e no enfrentamento à violência, especialmente quanto ao extermínio da juventude negra, empreendedorismo e formação profissional para atividades locais, e o incentivo à formação audiovisual para a produção em parceria com o CF.

A ação de contato com os grupos comunitários que atuam com o CF ocorre no formato de parceria colaborativa, sem que se assumam compromissos de ordem formal ou institucional, à exceção dos trabalhos de produção de conteúdo. Desse modo, não raro, uma série de parcerias não chega a se desenvolver para além da etapa inicial, e o que parece determinar o sucesso dos projetos propostos em operações conjuntas é a intencionalidade e a articulação de cada grupo envolvido.

Uma vez identificados grupos comunitários “potenciais” aos objetivos do CF, as equipes de mobilização articulam os contatos e

---

82 Respostas coletadas por questionário online junto aos mobilizadores do CF.

iniciam um trabalho junto a eles. A natureza destes trabalhos passa pelas atividades de preparação para o uso dos conteúdos (projetos e ações de recepção) ou de produção conteúdos ou, ainda, de proposição de conteúdos. A rigor, o trabalho da mobilização comunitária envolve pesquisa, capacitação, acompanhamento e avaliação mediante o monitoramento e análise dos resultados alcançados, além de ampliar o alcance da iniciativa através de oficinas, para capacitar multiplicadores. Entre as suas inúmeras atribuições e ações, está o projeto Maleta Futura, um dos principais projetos do Canal Futura, que reúne numa maleta customizada sua produção televisiva e a de seus parceiros, cuja circulação é assegurada pela via da mobilização comunitária, junto aos espaços territoriais e grupos de ação comunitária, como se verá adiante.

### **3. Maleta Futura: o produto e as lógicas da interação**

No quadro das interações comunicativas estabelecidas entre os agentes participantes, no cotidiano das práticas sociais e midiáticas, visualizamos o desenvolvimento específico de um sistema de relações. As dinâmicas que envolveram a implementação do projeto Maleta Futura os processos interacionais próprios de cada participante se desenvolvem segundo lógicas muito diferenciadas. O fato de não haver referências práticas sobre modos de interagir leva a táticas tentativas e à experimentação interacional para a geração de dispositivos pertinentes.

O projeto Maleta Futura foi gestado durante o ano de 2006, já no período de transição de foco do Canal Futura, entre o setor de conteúdo e o de articulação e mobilização comunitária, como proposta para solucionar um hiato que se tinha evidenciado no espaço entre a produção e a distribuição/redistribuição dos conteúdos do canal. Tal hiato era caracterizado pelo não acompanhamento do

percurso dos programas e demais produtos midiáticos que saíam do canal pela via da articulação e da mobilização comunitária. Não havia como monitorar efetivamente a circulação dos conteúdos.

Relatos das equipes de mobilizadores confirmam a informação de que, desde a criação do canal, sempre houve uma demanda alta de acesso aos conteúdos do CF por instituições como escolas, presídios, creches e hospitais. Estas contatavam diretamente a Central de Atendimento ao Telespectador (CAT), ou chegavam através das equipes de mobilização que atuavam, entre outras frentes, no auxílio à criação de videotecas nas entidades parceiras. Desse modo, os programas eram copiados e distribuídos via correio ou pela via da mobilização (Finguerut, S. & Sukman, H., 2008), sem que houvesse qualquer registro sobre tal distribuição ou o alcance da circulação, como já referido anteriormente.

A proposta do projeto Maleta, além de organizar a distribuição, organizou o público do CF, estabelecendo canais de troca na medida em que se propõe, também, a articular a rede de parceiros do canal.

Desde o lançamento do projeto, cinco maletas já foram implementadas – *Toda Beleza* (2006), *Meio Ambiente* (2008), *Democracia* (2010), *Saúde* (2011), *Infância* (2013)<sup>83</sup> e uma sexta, está sendo preparada dentro da parceria do CF com a ONG *Steps International*<sup>84</sup> que lançou globalmente, em 2012, o projeto transmídia *Why*

---

83 As Maletas são projetadas e desenvolvidas em um ano e executadas no ano seguinte. As datas em parênteses são referentes ao ano de sua implementação.

84 A *Steps International* é uma organização sem fins lucrativos que reúne documentaristas do mundo todo unindo “novas mídias à velha mídia” para divulgar e debater globalmente questões mundiais, e atua em parceria com outras organizações e fundações internacionais. O projeto ‘*Por que Pobreza?*’ foi construído em continuidade ao projeto ‘*Por que Democracia?*’ lançado em 2007. Grifos da pesquisadora em versão livre do site da Organização.

*Poverty*<sup>85</sup> visando mobilizar as pessoas no enfrentamento da questão da pobreza.

### **A proposta e seu alcance**

Enquanto parte das estratégias do CF para além da TV, o projeto Maleta Futura<sup>86</sup> se caracteriza como uma ação transversal, de mobilização comunitária, com foco na implementação, distribuição e redistribuição de conteúdos do canal e de seus parceiros.

É considerado um projeto “guarda-chuva” porque reúne a seleção de parte da produção televisiva do Canal Futura de acordo com recortes temáticos e abrangentes, alinhado com as políticas internas do canal, e voltado para o trabalho junto às entidades que compõem as redes articuladas por ele em todo o Brasil.

Do ponto de vista midiático, ele integra tanto a proposta de desenvolvimento e circulação de conteúdos, quanto as estratégias das ações de mobilização comunitária do CF, ao envolver diferentes grupos comunitários em torno de temáticas específicas e metodologias experimentais.

Apesar de uma proposta de descentralização, o projeto é elaborado em parceria entre o setor de Conteúdo e o de Mobilização e Articulação Comunitária, sem que essa interação necessariamente se concretize ou se materialize na produção de conteúdos diferenciados. Ele remete sim, de um lado, aos compromissos institucionais do canal com os parceiros que asseguram a sua sustentabilidade e, de outro, à perspectiva “comunitária” do próprio CF em sua proposta

---

85 O projeto pode ser acessado em <http://www.whypoverty.net/en/>

86 As malas circulam em 974 municípios de 27 Estados, sendo que a Fundação Bradesco, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) despontam como os maiores apoiadores do projeto.

enunciada de ser um canal educativo que atua na horizontalidade do social.

É nesse sentido que se afirma ser a implementação do projeto Maleta Futura, enquanto sistema, uma processualidade aberta. Por um lado, ela é resultante das mudanças que implicaram reconfigurações nos modos de contato e interações com a comunidade através de operações múltiplas com foco na distribuição e circulação dos conteúdos do CF e dos seus parceiros na sociedade. Por outro, o Canal Futura não tem como dimensionar ou controlar os resultados e empregos que os seus parceiros comunitários farão com elas em seus territórios.

Desse modo, o esforço do canal se traduz na tentativa de monitorar/avaliar os resultados decorrentes de suas estratégias operacionais em torno do projeto, contando para tanto com a participação dos parceiros envolvidos e de especialistas.

Sua estratégia de contato prevê o convite às ‘instituições de referência’<sup>87</sup>, identificadas pelas equipes de Articulação e Mobilização, a fim de que a Maleta Futura seja agregada às ações já realizadas por aquelas em seu cotidiano. Em tal cenário, ela chega aos grupos como um elemento fortalecedor dos conceitos e das ações já trabalhadas pelas instituições/organizações e, segundo a perspectiva dos mobilizadores entrevistados, com a proposta de provocar reflexão sobre a realidade local e incentivar iniciativas que busquem a transformação social.

Seu modo de operar envolve diferentes etapas. Uma vez definido o tema e a pesquisa do material que irá compor o acervo de cada maleta, passa-se à produção, isto é, ao processo de pesquisa de

---

87 Terminologia utilizada pelo CF para identificar seus parceiros. Percebemos que nos documentos do CF e na fala de suas equipes, o emprego do termo oscila conforme o seu contexto de origem, sendo correlato às expressões ‘parceiro principal’, ‘parceiro cabeça de rede’, ‘parceiro institucional’.

materiais com parceiros nos territórios, à escolha dos programas, à elaboração de conteúdo do caderno de atividades e à confecção da maleta produto.

A maleta é *portátil*, atraente tanto pela estética quanto pelos produtos que oferta, quase uma biblioteca portátil, considerando-se que a produção entra como livro didático/audiovisual. É de altíssima rotatividade, o que possibilita diferentes estratégias de uso conforme projetos e finalidades das instituições parceiras.

Ela possui o formato de uma mala similar à dos caixeiros viajantes e é customizada com o logotipo e imagens coloridas que remetem aos conteúdos temáticos do CF da edição vigente. Tal formato foi escolhido por associar o projeto ao caráter itinerante do caixeiro viajante que vai a todos os lugares, mesmo aqueles inimagináveis, e também para sugerir a possibilidade de os usuários incluírem nela novos materiais. Trata-se de uma tentativa de estimular o que o canal denomina “articulações intercomunitárias” entre instituições com afinidade temática.

Cada maleta traz uma compilação temática dos programas mais recentes e abrangentes do canal, reunida a materiais impressos e inéditos elaborados por equipes próprias em parceria com consultores externos. Inclui, ainda, produtos pedagógicos, entre lúdicos e didáticos, bem como materiais temáticos de organizações e instituições parceiras. Além da maleta completa, há a “maletinha” (maleta básica), uma versão simplificada do kit e entregue ao parceiro comunitário denominado “cabeça de rede” para auxiliar no trabalho junto aos pares. Foi criada com o objetivo de garantir a circulação dos conteúdos a um maior número de envolvidos sem onerar o orçamento do projeto.

Paralelamente, as equipes de mobilização e articulação comunitária em cada região mapeiam instituições de referência que atuam como articuladoras de redes em seus territórios para levar

até elas a proposta do projeto. No momento em que aderem ao projeto, as instituições assinam um termo de cooperação técnica com o Canal e passam a contar, durante dois anos, com o apoio das equipes de mobilização e articulação comunitária para a implementação das Maletas. Isto se dá através de visitas de acompanhamento aos parceiros envolvidos, da realização de grupos focais ou de reuniões de socialização das atividades com outras instituições participantes e consultores.

A instituição de referência, ou *cabeça de rede* no jargão televisivo, assume a responsabilidade de “replicar” a *Maleta*. Para tanto, recebe a *Maleta Futura* completa e indica seus parceiros para receberem as “*maletinhas*” ou *Maletas Básicas*.

Uma vez fechada a parceria, durante os dois anos em que as equipes de mobilização e articulação comunitária do canal assessoram os grupos, elas também asseguram a participação do CF nas agendas estratégicas das organizações parceiras, e realizam atividades de formação sobre a utilização do acervo, sugestões metodológicas sobre como trabalhar temas e jogos disponíveis na maleta, monitoram os planos traçados para verificar se serão necessárias adequações, orientam sobre a alimentação *online* do sistema – este monitoramento também se dá por telefone – e, ainda, atuam na avaliação final, uma vez que o CF pretende “manter a rede de parceiros com ocasional envio de materiais relacionados e canal de comunicação aberto pelo site do projeto”<sup>88</sup>.

Ainda que o projeto seja colocado em circulação com estratégias e normas já definidas na instância da produção, uma vez entregue aos grupos comunitários a Maleta fica aberta aos usos que estes façam de seus conteúdos. Os modos de uso e de circulação dos conteúdos, sua seleção e distribuição na rede de parceiros de

---

88 Site do CF.



cada grupo comunitário ficam na dependência dos fluxos instituídos pelos interesses e estratégias destes, e não necessariamente na observância das metodologias sugeridas pelo CF. Do mesmo modo, os relatos e retorno destes usos ao canal dependem da disponibilidade e da capacidade de instituir uma prática de registro em cada grupo.

### **Os processos e os resultados**

Uma vez determinado o tema de cada edição do projeto das maletas, a definição dos conteúdos que constituirão cada uma delas passa pela realização de fóruns temáticos com representantes das ONGs, das instituições sociais e de profissionais especializados na área específica do projeto. Tais fóruns são apontados como necessários ao estabelecimento dos pontos prioritários a serem abordados através dos conteúdos dos vídeos que serão incluídos em cada maleta, bem como os materiais vindos dos parceiros de referência na temática em questão.

No entanto, ainda que permita a inclusão de novos produtos para a circulação, é a instância da produção no CF que determina os conteúdos na tentativa de assegurar o controle do processo de produção dos sentidos. Por conta disso, o projeto Maleta se mantém praticamente inalterado enquanto modelo, com poucas referências no tocante à inclusão das reivindicações dos parceiros comunitários. Seu formato tem se mantido e ele se apresenta como um dos projetos mais “estáveis” dentro da oferta do canal. Nesse sentido, opera como matriz organizativa, obedecendo a regularidades ditas pelo quadro de referências para a sua produção. Tal regularidade se faz presente nos materiais do canal e indica processos mistos de aprendizagem e socialização. Neles as tentativas bem sucedidas são incorporadas ao modelo viável, isto é, o que funciona bem se torna

modelo e gera um padrão. Ao mesmo tempo, significa que quem quiser entrar no sistema do canal, terá que operar dentro desse modelo.

As equipes de mobilização do CF se responsabilizam pelas parcerias com instituições e organizações de referência em cada região, como já foi mencionado anteriormente. Os critérios utilizados para selecionar estes parceiros apontam para as organizações de referência na temática eleita, para a atuação em rede de cada um deles, e para sua capacidade de capilarizar ações para outras regiões.

Cada organização de referência ou “cabeça de rede” assume a responsabilidade de identificar instituições ou organizações que trabalhem direta ou indiretamente com ações em torno da temática específica de cada maleta. As cabeças de rede recebem a maleta completa e os parceiros indicados por elas recebem a maleta básica para uso em ações pedagógicas.

Ao aderir ao projeto, os parceiros firmam um acordo de cooperação técnica e passam a receber o suporte das equipes de mobilização do canal para a implementação da maleta, como explicado anteriormente.

A cada edição, o projeto é avaliado em seus processos e resultados através da análise das informações do banco de dados, da realização de grupos focais e da observação participante, além de pesquisa espontânea realizada por consultores contratados para tal. As avaliações anuais focam no perfil do público e da audiência, e na realização de grupos focais sobre os programas e projetos especiais.

A última pesquisa exploratória encomendada pela FRM para avaliar os indicadores das quatro edições anteriores da maleta, cujos dados foram referidos no item imediatamente anterior, se deu por amostragem regional junto às instituições cabeça de rede. Foram consideradas as dimensões relacionadas ao uso e finalidades das maletas, ao papel dos mobilizadores para as ações e à relevância

dos materiais para os parceiros. A pesquisa “espontânea” era feita por telefone com os parceiros do canal em diferentes territórios e as questões a serem respondidas eram as mesmas entregues por ocasião do recebimento da maleta, com variações dependendo do diálogo estabelecido. As questões discorriam então sobre os modos de usar, a ação desenvolvida e a sua natureza, o perfil e o número de participantes, os programas utilizados, sobre os materiais complementares, trabalhos em parceria com outras instituições, objetivos atingidos e resultados obtidos com a atividade.

Neste aspecto, foi observado que o monitoramento e a retroalimentação das informações se dão, na maior parte das vezes, através do contato direto com as equipes de mobilização, seja presencial ou telefônico, apesar de o canal ter implantado um sistema de banco de dados *online* para o acompanhamento do emprego da *Maleta*. Nesse, as instituições *cabeças de rede*, mediante senha de acesso, são responsáveis pelo registro das ações dos parceiros no banco de dados do projeto. No entanto, observamos que em tais operações não há garantias, o que permite pensar que a atuação do midiático, a partir da proposta do canal, torna-se altamente volátil e, ao mesmo tempo, exatamente por isto, se caracteriza por uma celeridade peculiar na busca da superação das supostas “falhas” que emergem destas tentativas.

De fato, as informações orais concedidas de modo informal indicam um movimento maior do que o registrado habitualmente no sistema do canal. Esse fluxo descontínuo remete a uma tarefa árdua e presencial dos mobilizadores, que consiste na tentativa de resgatar a memória dos grupos em torno das atividades executadas. Indicam também um descompasso entre o sistema de monitoramento do canal e o *modus operandi* dos grupos parceiros, pouco habituados ou com pouca disponibilidade de pessoal e conhecimento técnico para produzir relatórios. Mesmo em grupos mais

articulados, a prática do relatório é vista como um *‘trabalho a mais’*<sup>89</sup> a ser produzido.

Conforme pesquisas do CF, apenas 25% das informações completas sobre as atividades desenvolvidas com o projeto Maleta retornam ao canal. Ao mesmo tempo, este retorno restrito e mesmo a lentidão da postagem dos dados têm gerado o aperfeiçoamento do sistema e a busca de novos modelos de avaliação. Isto fez com que também o banco de dados desenvolvido para o preenchimento dos relatórios das associações parceiras fosse reformulado, facilitando e ampliando o acesso para registros das atividades desenvolvidas.

No sistema original, apenas o parceiro de rede tinha acesso ao banco de dados para registro. Uma nova atualização do mesmo permite que os demais participantes do projeto acessem a área para registro dos dados, permitindo assim mais registros acerca das ações executadas.

Segundo a compilação dos dados informados pelos parceiros *“cabecas de rede”*, 75% das informações relativas às ações realizadas com a maleta estão incompletas. Do total das informações retornadas, somente 25% permitem uma visão global das ações realizadas e do número de participantes.

No entanto, tais dados mensuráveis não necessariamente são fidedignos. Nos relatos orais obtidos durante este estudo, há indicações de que os números podem ser *“adequados”* na instância dos parceiros comunitários de modo a atender as exigências do projeto<sup>90</sup>. Tal atitude sinaliza, ao mesmo tempo, a dificuldade de parte dos parceiros comunitários em entender o preenchimento do formulário cedido pelo canal, como também a intencionalidade

---

89 Informações verbais tanto dos mobilizadores quanto dos membros dos grupos em momentos distintos.

90 Informação verbal, obtida junto aos grupos comunitários analisados.

decorrente da compreensão do que realmente importa dentro da lógica de oferta da instância midiática.

#### **4. As práticas sociais comunitárias**

Observamos que, além de ser um *produto*, a maleta é um objeto em circulação, criado já na previsão de circuitos específicos, distintos dos mais habituais a que se remetem os produtos da indústria televisual. E, além disso, o produto agrega em seu percurso processos diferenciados, frequentemente não previstos no momento da produção.

Uma das características dessa ênfase no circuito é o fato de que, como todo produto serial, a instância produtora se obriga a monitorar a circulação – a geração de processos sociais aderentes e/ou tensionadores, na busca das incidências que possam levar a modificações de futuras edições ou à criação de novos produtos relacionados. E apesar dessa monitoração, os circuitos mantêm sempre certa autonomia no que se refere ao uso, ao desvio, às apropriações segundo lógicas próprias, a reinvenções a partir do produto, quando o fazem seguir adiante.

Considerando-se o cenário das práticas sociais dos grupos comunitários, cabe ponderar que os parceiros comunitários são também agregadores de usuários não mais na condição habitual dos receptores de televisão. Estes se relacionam com os produtos televisivos do CF por práticas e vínculos “individualizados” ou, ainda, em pequenos grupos dispersos em ambientes múltiplos, muitos deles de caráter experimental, acionados pelos próprios parceiros.

Ambos os grupos, asseguradas as suas especificidades, possuem uma peculiar capacidade de articulação e mobilização em rede, com o desenvolvimento de metodologias próprias e inovadoras utilizadas de modo singular no processo de apropriação/

redistribuição das Maletas Futura, característica essa que também assegurou a continuidade da parceria com o canal em diferentes projetos e atividades.

Ações de articulação e planejamento dos grupos comunitários evidenciaram, nessa ordem de operações, uma série de iniciativas autônomas que redesenham as regras definidas pelo CF na origem. Podemos situar entre eles a preparação de sessões para exibições coletivas dos vídeos que compõem os kits das maletas em salas e em outros espaços constituídos especialmente para tal, seguidas de debates sobre os conteúdos disponibilizados e utilizados de acordo com os interesses específicos dos grupos. Não raramente, estes materiais são colocados em circulação por operações outras não previstas pelas metodologias do CF. Como exemplo, a reprodução não formalmente autorizada, mas consentida tacitamente dos vídeos fornecidos pelo CF no momento da entrega das maletas. As cópias são distribuídas entre os parceiros de rede, ou ainda, pelas entidades e organizações em sistemas próprios desenvolvidos para empréstimo com fins de uso coletivo ou individual. Em decorrência, gerou-se aí um sistema denominado “Maleta itinerante” que prevê o rodízio das maletas entre os pares por um determinado tempo, uma vez que o número dos kits não atende toda a rede de parceiros dos grupos. Dada a sua funcionalidade, este modelo foi incorporado pelo canal junto a outros grupos.

Também nesse contexto de ações, de experimentações e de negociações é comum que grupos migrem dos seus papéis habituais para assumirem o papel de produtores midiáticos, colocando em circulação conteúdos próprios.

Por ocasião da implementação do projeto Maleta Futura, a ação do GEGV gerou uma rede, inicialmente com 10 instituições parceiras que utilizaram os conteúdos em diferentes contextos e maneiras, com finalidade pedagógica. Para eles, a proximidade com

o CF se dá “dentro de um processo colaborativo que executa (...) uma didática prática, para incluir nossas pautas na grade das programações do maior grupo de comunicação do país. E esta questão não nos assusta” (informação verbal)<sup>91</sup>. O fato de o CF pertencer às Organizações Globo “não é mais importante do que a disponibilidade do instrumento para fazer o que estamos fazendo” (informação verbal).<sup>92</sup>

Já no caso da TV OVO em Santa Maria, além da utilização das maletas nas oficinas de formação que promove, as ações desenvolvidas ampliaram a zona de atuação do grupo, atingindo o sistema formal de ensino através da Coordenadoria Estadual de Educação (8ª DE) e da Secretaria Municipal de Educação.

A parceria estabelecida reconduziu os conteúdos das maletas às instituições de ensino. A TV OVO repassa os materiais das maletas às escolas da rede pública de ensino de Santa Maria, ficando a cargo dos professores a escolha e o modo de uso dos programas disponibilizados nas maletas, que serão utilizados conforme seus objetivos e necessidades.

O retorno acerca de tais usos é constituído por relatórios parcialmente registrados e por relatos orais sobre a participação dos alunos, sobre a busca de mais informações relativas aos assuntos abordados e sobre percepções diversas a respeito dos conteúdos da maleta.

\*

---

91 Entrevista com Carlos Eduardo Sanders (Preto), um dos coordenadores do GEGV, 18 de outubro de 2010.

92 Entrevista de Glauco Roberto Marins Polita à pesquisadora, em 18 outubro de 2010.

Como é evidente, das diferentes práticas e objetivos dos grupos comunitários, decorrem interações diferenciadas com o parceiro televisual, fazendo variar as negociações possíveis e o próprio sistema de relações entre os parceiros.

Dados os processos da TV OVO, como produtora de vídeo, o padrão de valorização estética do polo de produção do CF levou a um conflito entre a equipe da TV OVO e o setor de produção de jornalismo do canal, quando os vídeos realizados pelo grupo necessitaram ser editados diversas vezes antes de serem exibidos nas telas do canal.

Para além do conflito, o episódio remete à evidência do lugar e do fazer de cada equipe. E isto levou a padrões específicos de interação do grupo da TV OVO com as diferentes equipes do canal. Há um diferencial significativo nas dinâmicas interacionais quando o trabalho envolve a equipe de mobilização ou as equipes da sede. Na esfera da mobilização a interação é direta e as escutas acontecem de parte a parte em trocas muito mais produtivas e significativas. O mesmo não ocorre quando se trata do contato com as equipes na sede do canal. Enquanto as relações com as equipes de mobilização tornam-se pessoalizadas, não há, por parte da sede, uma escuta direta e não mediada.

Somado a outros episódios que confirmaram tal evidência, pudemos inferir que para a TV OVO, a possibilidade de parceria com o CF dependerá sempre da interação com as equipes de mobilização. A própria natureza das atividades desenvolvidas pela TV OVO nos faz perceber as contradições que emanam do CF e do próprio projeto Maleta Futura. A confiabilidade do canal se concentra nas equipes de mobilização e na sua capacidade de desenvolver uma escuta produtiva.

O GEGV evidencia que o espaço principal de articulação é igualmente o da equipe de mobilização – mas sua atuação de



movimento ambientalista favorece relações com o CF também em outras perspectivas. O Futura é uma referência midiática que representa a possibilidade de maior visibilidade e aporte ao trabalho desenvolvido. Essa referência lhes aumenta a legitimidade junto à comunidade e instituições locais. Para alguns integrantes da rede, essa percepção vai mesmo um pouco além, e o canal assume o papel de articulador do próprio movimento, na medida em que parte de suas operações também instrumentalizam as ações dos grupos. Nesse sentido, o CF pode ser requisitado como um consultor capaz de qualificar as ações desenvolvidas pelos grupos do movimento.

## **5. Conclusão: lógicas do dispositivo**

No terreno de operações do CF, a observação do setor da mobilização evidencia – mais agudamente que na produção televisiva – que as determinações das direções não são cumpridas de forma mecânica, mas sim negociadas em distintas ocasiões e situações.

As reuniões de planejamento, que envolvem tanto o setor de articulação e mobilização como o de conteúdo, são a ocasião em que os mobilizadores expõem seu próprio ponto de vista, e podem reafirmar ou se contrapor ao de outras instâncias da produção. Também é quando trazem para o canal a percepção e a escuta dos grupos e movimentos que integram a rede. Tal escuta, realizada pelos mobilizadores, informa os resultados das operacionalidades empreendidas nos territórios; e compõe o quadro de expectativas do Canal sobre seus parceiros.

Tais momentos abrem possibilidades no contexto televisivo para a via da experiência, das experimentações produtoras de sentido e de identidades. As referências, trazidas pelos mobilizadores de suas interações em campo, são buscadas para o desenvolvimento

de novas ideias e criações. Delas podem emergir novos produtos, como é o caso do programa *Diz Aí*, voltado para a juventude do meio rural e negociado pela instância da mobilização; ou, ainda, a inclusão de novos temas dentro de projetos, como foi o caso da Araucária, entre outras espécies do Bioma Pampa e da Mata Atlântica no programa *Um pé de quê?* da Maleta Meio Ambiente, levado ao CF como sugestão do GEGV. Ou ainda a própria reavaliação do sistema de monitoramento de resultados do projeto Maleta que necessitou levar em consideração as diferentes condições em que se encontram os grupos comunitários, sinalizada pelos mobilizadores.

Isto torna possível visualizar, na esfera de interação entre o CF e os grupos comunitários, o predomínio da experimentalidade, revelando que muitas das decisões tomadas em relação à produção ocorrem e decorrem do âmbito das negociações e experiências vividas pelos participantes da instância midiática junto àqueles grupos. Nessa direção, podemos inferir ser este um sistema em processualidade inicial, aberto, em que as tentativas implicam invenção por ensaio e erro.

Com as maletas, o canal reúne não só os produtos televisuais, mas assegura as articulações em torno do projeto e das temáticas. Nessa linha de percepções, observando a ênfase dada à mensurabilidade do projeto, verifica-se que no polo da produção, em consequência do seu alcance, o projeto é enunciado como um potencial multiplicador de usuários em rede. Representa, por conta disso, uma “moeda de troca” junto aos parceiros mantenedores, que asseguram o financiamento necessário para a produção do Canal, além de atuarem em outras instâncias e projetos do CF.

Já nos territórios onde elas circulam, efetivamente suprem os grupos e movimentos de materiais e de táticas didáticas em favor das causas tematizadas. Na instância do comunitário é nítida a

referência à qualidade dos materiais ofertados e ao suporte dado pelas equipes de mobilização, apontado como fundamental ao próprio aperfeiçoamento do trabalho dos grupos envolvidos.

Se através da maleta podemos inferir que o CF busca “pedagogicamente” dar forma às práticas sociais, cabe referir também que os usuários em seu cotidiano “*produzem usos ou maneiras de fazer mais complexas do que o simples consumo. Essas táticas constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço, organizados pelas técnicas da produção sociocultural*” (Certeau, 2012, p. 41). É justamente essa possibilidade de diferentes táticas de uso que estabelece uma sistemática de circulação que a desvincula da tendência de controles centralizados na produção/distribuição. Em outras palavras, a maleta pode funcionar como um objeto a ser acionado de modo relativamente independente tanto pelo polo produtor, quanto pelo polo usuário. Sobre o produto assim organizado, com tendência de diversificação e de modularização, os usuários podem desenvolver crescentemente reivindicações (e o fazem), levando o polo produtor a um atendimento pelo menos parcial destas, tendo em vista a sua busca de agregar usuários.

Do ponto de vista do dispositivo interacional, isso pode reforçar o aspecto “escuta”, de parte a parte, implicando o aperfeiçoamento possível da comunicação. Concordamos com Braga (2012c, p. 48) ao afirmar que através da escuta “*pelas delicadezas de ajuste de endereçamento (...) alguma coisa retroage, ‘modificando’ a produção a partir das expectativas sobre sua recepção e pela repercussão destas expectativas na configuração das falas*”. Constatamos isso quando percebemos com alguma frequência, nos grupos comunitários analisados, as práticas subverterem as normativas do canal, conforme seus interesses de usuários.

Cabe considerar a Maleta Futura e os seus conteúdos como parte das estratégias de comunicabilidade do CF, sendo preciso

reconhecer nessa processualidade um conjunto de regras referidas, explicitamente ou não, para que se realizem processos comunicacionais do ponto de vista da recepção/produção. No entanto, enquanto as operações do CF, mediadas pelos mobilizadores, evidenciavam que as regularidades da chamada televisão educativa implicam lentidão quando ela busca ser pedagógica, porque aposta na linearidade da aprendizagem e no regramento hierárquico dos usos, os movimentos comunitários se mostraram ágeis na reelaboração da proposta e das estratégias, movidos pelas urgências de suas práticas. Nessa operacionalidade, criam-se circuitos comunicacionais outros, não previstos pelo polo da produção. E na medida em que retornam ao canal na forma de relatos de experiências, podem efetivamente, modificar, em parte, a produção. Claro que há graus de escuta, bem como variações complexas no acolhimento da mesma. Nesse sentido, o potencial propriamente pedagógico da maleta está exatamente nas múltiplas possibilidades de relações que se estabelecem a partir do seu uso.

Outro aspecto observado em torno dos processos de escuta refere-se à percepção dos grupos comunitários quanto às diferentes instâncias do canal e suas ações. Essa percepção das dinâmicas produtoras de sentidos corrobora a proposta de Braga (2012d), que “é da reverberação mútua entre “falas” e “escutas”, de parte a parte, que se alimentam os processos interacionais em sua produção de sentido”. Tais observações resultam de episódios distintos nas dinâmicas interacionais em tentativas de acertos e produção.

Nos casos investigados, as processualidades analisadas indicam uma mobilidade tal, de parte a parte, que as estratégias evidenciam na circulação social dos sentidos um espaço de reconhecimento e de desvios produzidos pelas dinâmicas de apropriação. Nesse cenário se configuram processos tentativos cuja continuidade permite que sejam montados padrões e regras geradas a partir das próprias estratégias em ação.

## **Entrevistas:**

Dentre as entrevistas feitas para a tese de doutoramento “Dispositivos interacionais e interações midiaticizadas: um estudo sobre a implementação do Projeto Maleta Futura, Canal Futura, em Santa Maria e Passo Fundo/RS”, entre 2010 e 2013 foram aproveitadas para o presente estudo:

PIOVESAN, Zilda; RAMOS, Cleusa – do Canal Futura

BORBA, Marcos; MOMBELLI, Neli; TAVARES, Paulo – da TV OVO

POLITA, Glauco; SANDERS, Carlos Eduardo – da Rede GEGV

## **Sites consultados**

Canal Futura: [www.futura.org.br](http://www.futura.org.br)

Fundação Roberto Marinho: [www.frm.org.br](http://www.frm.org.br)

Grupo Ecológico Guardiões da Vida: [www.grupoguardioesdavidablogspot.com.br/](http://www.grupoguardioesdavidablogspot.com.br/)

Oficina de Video Oeste: [www.tvovo.org](http://www.tvovo.org)

Steps international: <http://www.steps.co.za/>

Why Poverty: <http://www.whypoverty.net/>

## Suíte nº 5

### **“TV & Comunidades”, de Rosana Zucolo**

*José Luiz Braga*

O texto de Rosana é explícito na busca das lógicas interacionais dos episódios observados, apresentando claramente seus componentes, seus processos mais estabelecidos e seus aspectos experimentais. Mostra três espaços principais de práticas. Em dois desses espaços, encontramos, entre outros processos, mais tentativos, as táticas interacionais mais estabelecidas em cada um, que caracterizam o sistema de relações internas e funcionam como base compartilhada entre os agentes “internos” diretamente relacionados. No terceiro âmbito – e justamente porque a experiência corresponde a obter interações entre os dois primeiros, está o lugar mais visível da experimentação, com linhas de compartilhamento a serem construídas entre os dois outros, pela experiência prática tentativa.

Rosana informa inicialmente os dois conjuntos básicos de agentes/processos – os pertinentes ao campo televisual e os comunitários – como é evidente, muito distantes entre si, por suas práticas comunicacionais, seus objetivos e seus sistemas de relações. A lógica televisual, de tipo midiático organizado em processo de um para muitos, é centrada em produtos audiovisuais planejados profissionalmente, focados em recepção diferida e difusa. A circulação se pensa circunscrita a esse encaminhamento do produto que vai da emissão à recepção – e tem que contar com a atividade interpretativa desse polo, sem controle da chegada, aí, dos sentidos pretendidos.

A outra lógica, comunitária, é de tipo presencial, diversificada, com ênfase conversacional. Onde há geração de produtos, estes se fazem na negociação de objetivos mais ou menos pontuais, em relativa proximidade e contato com os usuários e seus objetivos<sup>93</sup>.

O que vai ser tentado é, sobretudo, uma *composição* entre os dois processos, de suas ofertas específicas de modo interacional, buscando as complementações só viáveis, para cada parceiro, no modo de se comunicar do outro.

A dificuldade evidente de fazer interagir entre si tais lógicas interacionais e a necessidade de constituir um elo de compartilhamento sobre o qual outras lógicas se desenvolvam é o que vai determinar a constituição do terceiro conjunto de agentes – na forma de um setor de articulação e mobilização comunitária pelo canal de TV.

O setor é instituído pelos responsáveis do dispositivo televisual pela organização de uma espécie de assessoria de contato, que possa atender às diretivas da televisão – e portanto, a suas lógicas de campo social. Por outro lado, os agentes individuais que vão compor o grupo são selecionados dentre especialistas que detêm a experiência “do outro lado” – na ação comunitária. Porque são os que conhecem o ambiente e a “linguagem”; que sabem dos objetivos e dos procedimentos. Em suma, que podem se mover com facilidade no sistema de relações próprio aos dispositivos comunitários.

A lógica geral desse movimento de constituição do “terceiro grupo” é bastante conhecida, em termos abrangentes: trata-se de um acionamento do “dispositivo intérprete”. Essa figura seria basicamente definida como aquele que conhece as duas linguagens postas em contato, para viabilizar a interação entre os detentores

---

93 É verdade que um dos grupos comunitários, a TV OVO, é também produtora de material televisual. Seria talvez uma situação intermediária.

de uma e de outra parte. Tais atividades de mediação são frequentes em muitos tipos e tentativas de comunicação<sup>94</sup>.

Específico da situação, entretanto, é que os agentes de articulação referidos no capítulo não são exatamente conhecedores das duas linguagens – vêm de uma delas, e são contratados da outra. A relação com um dos lados é a de conhecimento e prática; com o outro, a de vínculo profissional e de distribuição de tarefas (que, de certo modo, são componentes da “linguagem” empresarial). A expectativa é de que essa relação “de serviço” de algum modo os aproxime da lógica interacional interessada. Este seria, aliás, um padrão histórico: na ausência de intérpretes enquanto efetivos conhecedores de duas linguagens (de dois sistemas interacionais), é por aproximação tentativa que se desenvolve, por processos práticos, tal perfil. Depois de certo tempo e variadas tentativas, acabam se formando mediadores através do ensaio-e-erro e da exercitação, que podem se locomover então entre as diferentes práticas, tornando-se esta “duplicação” *a sua prática*.

O sistema de articulação chama a atenção para aspecto que complementa as diferenças já observadas entre as duas lógicas interacionais postas em contato na experiência. Em uma delas, o que se solicita é o engajamento pessoalizado, na articulação de interesses comuns, processos que enfatizam táticas colaborativas desenvolvidas no próprio campo de operações. Na outra lógica, de ordem profissional, as pessoas são selecionadas por competências especificadas e, em função de tarefas previstas, se enquadram em um padrão salarial de contraprestação.

---

94 Pode-se considerar que o conhecido processo do “two step flow of information”, estudado por Lazarsfeld, corresponde ao desenvolvimento, na sociedade, de um perfil deste tipo de “conhecedor” prático, por seletividade espontânea – os mais perceptivos sobre a intersecção entre processos midiáticos e os temas em pauta assumiam a posição de lideranças de opinião.



Constata-se, então, a transição de certo número de pessoas – os agentes de articulação e mobilização – de primeira lógica interacional e de trabalho para a segunda; com a expectativa de que as tarefas dirigidas, aí atribuídas, sejam então “transferidas” para a lógica de ação do outro parceiro, através de uma espécie de “aprendizagem de linguagens”.

No espaço comunitário, a expectativa é inversa: agentes com a experiência de processos comunitários seriam verdadeiros “representantes” seus, dentro mesmo da estrutura formalizada do canal de televisão.

O capítulo observa os movimentos desses três grupos de agentes (e de lógicas interacionais) no exercício de episódios que caracterizam a circulação das maletas de produtos. A maleta, mesmo, já se manifesta como produto especial – parcialmente elaborado nas lógicas de uma produtora de televisão; parcialmente concebido como material para circulação “de mão em mão”, na lógica dos processos comunitários. Seu próprio desenvolvimento é já resultante de aproximações tentativas para ajustes entre dois circuitos habituais antes não conectados.

A circunstância de “sociedade em midiatização” envolve não apenas um uso crescente de processos midiáticos por setores sociais não vinculados ao “campo dos *media*”; como também – com frequência – passam a ocorrer articulações complexas entre circuitos “de mídia” e circuitos outros. A experiência implica não apenas a invenção social de articulações entre diferentes circuitos existentes – mas sobretudo envolve transformações de cada um dos circuitos anteriores (ou trechos de circuitos), em que cada um deve ajustar, a montante e a jusante, seus próprios processos antes apenas “internos”, para viabilizar uma circulação redirecionada.

Por isso mesmo, não é apenas o “módulo de ligação” (formado pelos articuladores / mobilizadores) que se caracteriza como

dispositivo interacional experimental. Todos os episódios entre as lógicas comunitárias e as lógicas televisuais de produção de sentidos compartilham a geração do dispositivo interacional em construção. A modelização de processos de compartilhamento e a geração de outras lógicas se fazem pelo ajuste de práticas anteriores; e pela invenção de processos, de parte a parte, que assegurem a circulação ampliada nas duas direções entre os grupos.

A autora nos relata, em sua tese sobre o tema (Zucolo, 2014), os movimentos tentativos do processo de elaboração que acompanhou e esquadrinhou. A cada visita a campo, para sua pesquisa, percebia que os procedimentos, as tarefas e os próprios objetivos se modificavam. Aparecem, naturalmente, descompassos entre proposições, expectativas e respostas, de parte a parte. Certamente, os parceiros dispõem de diferentes estruturas de poder, e a experiência se desenvolve talvez mais perto da “zona de pregnância” (Fausto Neto, 2008b) do canal de televisão. Mas como a pesquisa de Rosana atesta, o parceiro comunitário dispõe também de recursos interacionais para assegurar seus objetivos.

Podemos facilmente imaginar o papel dos agentes de articulação – vinculados pela experiência a um dos lados participantes; e pela relação profissional, ao outro – com uma notação quase diplomática de asseguradores da interação e da fluência dos processos. Esse desempenho principal, nas negociações, enfatiza uma “transmissão da escuta” entre as partes. Tudo isso, evidentemente, um pouco tateante, uma vez que apenas a confirmação prática da eficácia de um processo e de uma satisfação mínima de expectativas diversas (eventualmente conflitantes, ou de direções divergentes) viabiliza uma reiteração, sempre sujeita a mudanças, mas necessária como teste mesmo para a constituição de padrões de comportamento.

Trata-se de um exemplo claro de situação em que as estratégias é que desenvolvem as regras (ao contrário do que é mais facilmente

percebido, quando as regras direcionam a variação estratégica) Tornam-se claras, aí, a necessidade e a força dos processos comunicacionais na construção social.

O capítulo que observamos mostra, com clareza, o dispositivo em construção como ponto nodal para viabilização da circulação pretendida entre os dois tipos de parceiros – pois busca sua constituição no vão livre entre um e outro circuito. Aparentemente, a tentativa dos participantes comunitários é a obtenção de produtos audiovisuais de boa qualidade direcionados para seus objetivos de ação social (formação, informação, divulgação e base para interações interpretativa e de aplicação) – e ainda “incluir nossas pautas na grade das programações”, como diz um entrevistado, na pesquisa referida. Aparece já aí, com clareza, a pista dupla na autoestrada em construção: os programas (vídeos, maletas) “descem” de montante a jusante; paralelamente, a pauta dos grupos comunitários, “sobe” das ações de campo, não só para a geração de audiovisuais, mas também (quem sabe sobretudo) para a própria cultura dos produtores midiáticos, como temas tornados perceptíveis e legítimos.

A partir do outro ponto de vista, se o canal fornece produtos, tem a expectativa de receber uma espécie de assessoria indireta mas substancial sobre “o que faz sentido” para os usuários – assumindo que os “grupos de referência” representam, para além de seu próprio círculo, o ângulo certo para ingresso dos temas em setores sociais mais abrangentes – escolas, hospitais, outros grupos comunitários, setores de ação social e em geral, na sociedade, todo um público interessado nas questões tratadas. O que segue adiante é o produto; o que retorna são, ou devem ser, informações sobre sintonias possíveis de interlocução.

Naturalmente, dado o modo tentativo inevitável na geração de quaisquer dispositivos e circuitos experimentais, nem tudo se passa em modo fluente. Em cada campo, os processos mesmo de

circulação não são os habituais e frequentemente não se conformam às expectativas do outro parceiro – o capítulo o mostra. Mas é daí mesmo que se espera um processo lento de ultrapassagem dos limites, ainda que na forma de aprendizagem do erro.

O desafio dos dispositivos experimentais é o de exigir – e de tornar explícito, entre os participantes – um desenvolvimento das competências de escuta e de negociação.